

Educação de Idosos: um aprendizado novo para uma nova educação

Raimunda Silva d'Alencar*

Ainda parece soar estranho, para algumas pessoas, falar em educação para idosos. Esse estranhamento ocorre devido à concepção, ainda dominante, de que educação e velhice são expressões incompatíveis, e que o idoso já estaria fora da linha imaginária da aprendizagem - o idoso *não mais aprende* ou *é lento para aprender* - ainda compreendida como processo homogêneo, com data e ritmo previamente demarcados.

Essas idéias preconcebidas parecem, no entanto, ter dias contados. A educação tem se constituído, mais do que nunca, em um elemento de alto significado para as pessoas idosas. Certamente terá um papel transformador substancial, não só para indivíduos idosos mas para as sociedades. E isto por uma simples ra-

zão: embora a vida seja uma só, nós a vivemos em diferentes etapas, como se fossem diferentes idades. E essas diferentes idades têm necessidades de diferentes tipos de conhecimentos.¹ A velhice, portanto, é mais que uma etapa da vida, é uma etapa de desenvolvimento de uma obra inacabada, de um percurso aberto para o futuro, que nenhum de nós sabe quando será finalizada. E continuar crescendo pode e deve ser traduzido como continuar aprendendo.

Compreendendo dessa forma, não é difícil imaginar as razões que levam os idosos aos programas desenvolvidos pelas universidades - públicas ou privadas - quer no âmbito do ensino ou da extensão. Essas razões se explicam pela necessidade de renovação dos saberes

* Professora Assistente do DFCH/Coordenadora do Núcleo de Estudos de Envelhecimento. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2003. E-mail: r_alencar@bol.com.br

¹ **BOURGEOIS, Louis. A Intervenção Educativa na Velhice. In: A Intervenção Educativa na Velhice desde a Perspectiva de uma Pedagogia Social. Anais do I Encontro Ibero-Americano.** Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.

e pela busca de novos encontros, seja consigo próprio, seja com o outro. Não dá para negar que, em qualquer etapa da vida, o indivíduo tem necessidade dessa renovação; e é por isso que ele pode criar e recriar, alargar fronteiras, olhar o futuro, fazer projetos. Os idosos têm-nos ensinado isso.

Nesse momento histórico, quando as tecnologias fazem o tempo futuro parecer mais próximo para todos, independente da idade, é preciso que cada um, em particular, busque situar-se em um mundo diferente, virtual, cada vez mais interativo. O idoso é particularmente convidado a entrar nesse processo, sob pena de ficar excluído do próprio ambiente onde vive.

Essa característica interativa exige uma nova lógica de concepção e de atitudes do idoso, não apenas frente à vida, mas frente a si mesmo. Essa característica exige que cada idoso saia do casulo que construiu nas etapas passadas, e (re)organize um novo ambiente, um novo espaço, não limitado a um lugar que isola, individualiza, estimula a inércia, a passividade.

Esse novo espaço terá de ser relacional, pois fora das relações as dificuldades são maiores; terá de ser um espaço de diálogo permanente - o que supõe uma atitude de mais inclusão e de menos produção de vítimas; de uma vida mais compartilhada, mais solidária, mais presente em relação ao outro, o que pressupõe oportunidades de encontros e possibilidades de trocas em

termos de pensar, sentir e agir. Talvez seja essa uma inteligente forma de enfrentar os medos, as inseguranças, a solidão. O idoso descobriu isso e vem ensinando à sociedade, e exigindo das instituições de ensino superior a abertura desse espaço. Além disso, vem cobrando atitudes que façam jus a esses novos requerimentos, que sugere para a educação a retomada da unidade do saber. Hoje já se estima que cerca de 200 instituições de ensino superior incluam atividades com idosos nas suas programações. Dentre essas, está, desde 1998, a Universidade Estadual de Santa Cruz, localizada em Ilhéus, Bahia. Sua programação de cursos tem sido dinâmica, com variações a cada semestre.

Nesse sentido, é necessário realçar as múltiplas rupturas promovidas pelo idoso junto a essas instituições de ensino superior, quando se decide participar das atividades disponibilizadas pelas mesmas. Muitas dessas rupturas merecem ser assinaladas e dizem respeito a:

- *maior descentralização do saber produzido nas Universidades*. Sem passar pela realidade traumática do vestibular, até há pouco a única via possível para ingresso nas Universidades, o idoso se apropria do conhecimento ali construído através de variadas formas;
- *o saber que o idoso possui, construído por sua experiência de vida, faz o contraponto com o saber*

- acadêmico - antes a única via reconhecida para leitura da realidade no espaço acadêmico;
- *abertura de um novo espaço na universidade e, por decorrência, na sociedade. Com o idoso, a universidade não é apenas um espaço de conhecimento, mas um espaço de trocas de emoções e de trocas afetivas;*
 - *inserção de questões centrais da existência humana para discussão no ambiente acadêmico, a exemplo da auto-estima, das perdas, do prazer de viver, da autonomia, da morte;*
 - *ampliação, na prática, do conceito de educação, que sai da idéia reducionista do círculo produtivo;*
 - *redimensionamento do conceito de cidadania, tomando-o também como questão de espaço;*
 - *rompimento dos mitos socialmente incorporados de que o idoso tem dificuldades para aprender, de que é lento, de que tem menor flexibilidade, de que perdeu a capacidade de atenção e concentração;*
 - *melhor aceitação do próprio envelhecimento ao refletir sobre a vida cotidiana, buscando o aprendizado do ato de viver e de melhor envelhecer;*
 - *redução da segregação nas relações sociais através da consciência de que envelhecer bem é a meta a ser socialmente buscada;*
 - *manutenção do interesse pelos acontecimentos à sua volta;*
 - *oportunidade de acesso aos vários tipos de saber construídos pelas diferentes áreas do conhecimento.*
- Naturalmente que a lista poderia ser enriquecida, no entanto, a idéia central neste espaço é realçar o novo papel que a educação sinaliza para o idoso, quando o auxilia a fazer reavaliações, despertando-lhe o interesse pela vida.
- As rupturas acima assinaladas vêm sendo observadas nas experiências de trabalho que registramos com alunos e professores do Programa de Extensão para a Terceira Idade da UESC ao longo dos últimos cinco anos. As atividades que permitem essas considerações têm sido configuradas de diferentes modos, com diferentes práticas pedagógicas que vão da oficina à palestra, da aula expositiva às dinâmicas de grupo. Com cursos de t'ai chi chuan, biodança, terapias corporais, memória, estética facial e corporal, espanhol, artes plásticas, cidadania e direitos, informática, teatro, memória em saberes e sabores culinários, formação de lideranças, cuidadores de idosos, dentre outros, o Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC vem conseguindo ampliar o

universo de idosos, os espaços de educação e a sensibilidade da sociedade local para as mudanças que o envelhecimento sugere.

A educação na perspectiva do envelhecimento motiva o idoso a assumir a vida tendo consciência da totalidade de si mesmo. Envelhecer aprendendo é ter a oportunidade de *passar a vida a limpo, cotidianamente*, sabendo do muito que ainda tem a aprender.

Nesse sentido, é necessário que as atividades desenvolvidas com o idoso tenham um caráter de auto-conhecimento, de reflexão em torno do cotidiano, de desenvolvimento da criatividade, de busca da satisfação e da alegria de vi-

ver. Essas atividades devem traduzir ações diferenciadas, possibilidades de trocas, de recreação, arte, ensino para o uso do tempo livre em favor de si mesmo, daquilo que gosta. Os professores envolvidos com essas atividades devem cuidar para colocá-las, de fato, a serviço da interação, da troca de conhecimentos e experiências; devem preocupar-se em introduzir práticas pedagógicas que também levem o idoso a produzir o conhecimento e não apenas a consumi-lo.

A velhice, sem dúvida, está mudando a educação; e esta, sem dúvida, está reeducando a sociedade para um novo envelhecer.